

**FACULDADE DE CIÊNCIAS DO DESPORTO E EDUCAÇÃO FÍSICA DA
UNIVERSIDADE DE COIMBRA**

JOANA MARGARIDA DA PONTE GAGO 2008026648

**Relatório de Estágio Pedagógico desenvolvido no Agrupamento de Escolas da
Guia junto da turma do 9ºE no ano lectivo de 2011/2012**

COIMBRA

2011/2012

JOANA MARGARIDA DA PONTE GAGO 2008026648

**Relatório de Estágio Pedagógico desenvolvido no Agrupamento de Escolas da
Guia junto da turma do 9ºE no ano lectivo de 2011/2012**

Relatório de estágio apresentado à Faculdade De Ciências do Desporto e Educação
Física da Universidade de Coimbra

ORIENTADOR: Dr. Alain Massart

CO-ORIENTADOR: Prof. Carlos Aveiro

COIMBRA

2011/2012

Gago,J.M.P. (2012). *Relatório de Estágio Pedagógico desenvolvido no Agrupamento de Escolas da Guia junto da turma do 9ºE no ano letivo de 2011/2012*. Relatório de Estágio, Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal

O domínio das habilidades de organização não deveria ser considerado com um fim de si mesmo. Estas técnicas representam, ferramentas essenciais pois o seu domínio permite variar as estratégias de intervenção e eleger as mais adequadas em função das circunstâncias. A ausência de habilidades de organização actua como barreira para a realização dos objectivos.

Jacob kounin

RESUMO

O objectivo deste relatório é descrever e reflectir acerca da minha actividade de ensino ao longo do estágio, descrever os processos e estratégias a que recorri e ainda reflectir e justificar as diversas decisões tomadas.

Foi utilizada diversa bibliografia relacionada com a pedagogia e didáctica da educação física. Este recurso suporta a minha realidade vivida no Agrupamento de Escolas da Guia durante a realização do estágio pedagógico.

Como ‘o ensino não é um processo linear de transmissão de conhecimentos, envolve o aprendente num processo activo de aprendizagem’ (Wittrock, 1986), o estágio representa também uma grande forma de ensino, sendo uma etapa de constante aprendizagem a nível pessoal, profissional e social, tornando-se decisivo para o bom desempenho na minha carreira de docente

A organização e gestão de aula são aspectos a ter em conta na planificação e realização da mesma. Uma boa planificação pode influenciar não só o bom decorrer da aula, como também as aprendizagens realizadas pelos alunos.

Uma aula de educação física deve ter em conta o nível dos alunos, a motivação dos mesmos, o tempo de empenhamento motor real e requer do professor, controlo, gestão e resposta aos desempenhos dos alunos.

Palavras-chave: Ensino. Organização. Motivação. Gestão. Clima

ABSTRACT

The goal of this report is to describe and reflect about my teaching activity throughout my training, describe the processes and strategies that supported it and also reflect and justify the different decisions made.

Diverse bibliography was used related to the pedagogy and teaching of physical education. This resource supports my experience in Agrupamento de Escolas da Guia during this training year.

As ‘teaching is not a simple process of knowledge transmission, it involves the student in an active process of learning’ (Wittrock, 1986), the training also represents a great way of teaching, being a constant period of personal learning as well as professional and social, being decisive to my work performance being a teacher.

Organizing and managing the class, are aspects to be focused while planning and teaching. An efficient planning can influence not only a good class teaching, but also the knowledge that the students acquire.

A physical education class should have in mind the students’ level, their motivation, their physical activity timing and it also needs from the teacher, control, management and an immediate answer to the students’ performance.

keywords: Teaching. Organizing. Motivating. Managing. Teaching Environment.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1.INTRODUÇÃO | 9 |
| 2.DESCRICÇÃO | 10 |
| 2.1.Espectativas iniciais | 10 |
| 2.2. Contextualização | 11 |
| 2.2.1. A escola que me acolheu | 11 |
| 2.2.2.O grupo de educação física | 12 |
| 2.2.3.Núcleo de estágio | 12 |
| 2.2.4.Professores Orientadores | 13 |
| 2.2.5.A minha turma -9ºE | 14 |
| 2.2.6. Participação nas actividades escolares | 15 |
| 2.3.Descrição das actividades desenvolvidas | 15 |
| 2.3.1. Planeamento | 15 |
| 2.3.2.Realização | 20 |
| 3.REFLEXÃO | 27 |
| 3.1.Aprendizagens realizadas como estagiária | 27 |
| 3.2.Compromisso com as aprendizagens dos alunos | 30 |
| 3.3.Inovação nas práticas pedagógicas..... | 33 |
| 3.4.Dificuldades sentidas e resolução das mesmas | 35 |
| 3.5.Aspectos a resolver no futuro | 37 |
| 3.6.Questões dilémicas | 37 |
| 3.7.Impacto do estagiário no contexto escolar | 39 |
| 3.8.Experiencia formal e profissional (pratica pedagógica supervisionada) | 40 |
| 4. TEMA | 41 |
| 4.CONCLUSÃO | 48 |
| 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFIA..... | 49 |

Compromisso

Joana Margarida da Ponte Gago, aluna nº2008026648 do MEEFEBS da FCDEFF-UC, venho declarar por minha honra que este Relatório Final de Estágio constitui um documento original da minha autoria, não se inscrevendo, por isso, no definido na alínea s do artigo 3º do Regulamento Pedagógico da FCDEF

1.INTRODUÇÃO

Este relatório constitui a etapa final do Estágio Pedagógico realizado com uma turma do 9ºano, do Agrupamento de Escolas da Guia no ano lectivo 2011/2012,integrado no segundo ano do Mestrado em Ensino da Educação Física dos Ensinos Básico e Secundário da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra.

O estágio pedagógico possibilita o envolvimento experiencial e interactivo com alunos na sala de aula e com os orientadores, em situações pré e pós-activas do ensino (Jackson, 1968). Desta forma, o estágio não é apenas o contacto existente entre o professor e aluno no momento da aula, mas sim o resultado da interacção com todo o meio escolar, de forma a melhorar o processo ensino-aprendizagem.

Neste relatório procuro realizar uma reflexão de todo o meu desempenho ao longo do estágio, descrevendo a minha evolução, as dificuldades ultrapassadas, as estratégias utilizadas e todo processo inerente. Em função da experiencia com a minha turma durante o estágio, irei aprofundar um tema por mim seleccionado como forma de perceber e justificar as minha opções - ‘ A influencia que a organização e gestão têm sobre o clima de aula’.

O presente relatório é constituído por três capítulos principais, a descrição, uma análise reflexiva sobre as actividades de ensino decorrentes no estágio e o desenvolvimento do tema ‘ A influencia que a organização e gestão têm sobre o clima de aula’, directamente relacionado com a presente intervenção pedagógica.

2.DESCRICÃO

2.1.Espectativas iniciais

‘Estágio de Ensino no meio escolar é o verdadeiro momento de convergência, por vezes de confrontação, entre a formação teórica e o mundo real do ensino’ Maurice Piéron (1999)

Como afirma Piéron (1999), o estágio é o momento de transição e adequação dos conhecimentos adquiridos durante a formação para a realidade com que somos confrontados.

Sendo o processo de ensino-aprendizagem um processo em constante construção sabia à partida que teria que ir adaptando estratégias/attitudes à medida que surgissem necessidades para o fazer. Sabia que existiam aspectos onde teria maior dificuldade como a realização do planeamento em função das necessidades dos alunos, a forma de quantificar e qualificar o desempenho dos alunos assim como conseguir manter a disciplina se a turma apresentar comportamentos impróprios em contexto de sala de aula.

No âmbito de estagio tinha alguns receios ligados à experiencia com uma turma que não conhecia, numa escola que me era alheia. Outro receio que tinha prendia-se com a preparação e avaliação das actividades de diagnóstico face à turma que iria leccionar, o que pude contar com a colaboração dos outros docentes de educação física no sentido de optarmos por uma estratégia comum e para que pode-se esclarecer as minhas duvidas junto deles.

Sem dúvida que conhecer uma turma trouxe alguma ansiedade uma vez que nem sempre corresponde às nossas expectativas e lidar com problemas comportamentais poderia ser algum entrave numa fase inicial.

Neste sentido contei com a ajuda dos meus colegas e do meu orientador de estágio que estavam habituados a lidar com este tipo de situações e que me auxiliaram na escolha de diversas estratégias ao longo do estágio.

2.2. Contextualização

2.2.1. A escola que me acolheu

O externato da Guia foi fundado em 1960 e teve como se co-fundador o Amílcar de Pinho, licenciado em farmácia e em geologia. Tinha como principal objectivo assegurar o ensino preparatório, o terceiro ciclo e a educação dos jovens. Em 1988 passou de uma instituição privada para uma escola pública e deu lugar à Escola 2,3/S da Guia.

Actualmente, o Agrupamento de Escolas da Guia-Pombal integra inúmeros Jardins de Infância, escolas do primeiro ciclo e a Escola Básica dos 2º e 3º Ciclos com Ensino Secundário da Guia, onde realizei o meu estágio pedagógico.

Um aspecto que me despertou bastante atenção no primeiro dia de que cheguei à escola, foi a frase presente no logotipo da mesma, *‘esta escola também é minha’*, transmite de imediato uma escola acolhedora e onde toda a comunidade escolar participa de forma activa.

‘O Agrupamento de Escolas da Guia persegue a intenção de ser capaz de preparar os seus alunos para os desafios da sociedade actual e pretende, também ser reconhecido como referência local pelo ideário que preconiza, pelas opções de desenvolvimento da escola que assume e pelos resultados escolares que deseja alcançar’ (Projecto Educativo do Agrupamento de Escolas da Guia). A escola em questão dinamiza diversas actividades de enriquecimento pedagógico em todas as áreas, não só para os alunos mas para toda a comunidade escolar, o que permite uma grande interacção entre os seus participantes, como referido anteriormente no contexto do logotipo.

A escola apresenta três espaços distintos para a leccionar a disciplina de educação física, o espaço exterior, o pavilhão e o ginásio. Para permitir um planeamento eficaz e uma boa organização, o grupo de educação física solicitou à direcção da escola a colocação no máximo de 3 turmas no mesmo horário e realizou um roulement com a distribuição dos espaços por turma.

No exterior existem dois espaços polidesportivos, um onde podem ser leccionadas diversas matérias, basquetebol (2campos), futsal, andebol e corfebol entre outras, o outro campo apenas permite abordar basquetebol ou corfebol. Ainda no exterior podemos encontrar algumas pistas de atletismo.

O pavilhão tem boas condições, possui um campo onde podem ser abordadas diversas matérias como badminton, voleibol, futsal, basquetebol, corfebol, entre outras e ainda um ginásio. O ginásio permite abordar para além de todo o tipo de ginástica, voleibol e badminton.

Dentro do bloco A da escola, existem ainda 2 mesas de ténis de mesa, utilizadas quando as condições climáticas não permitem leccionar no exterior.

2.2.2.O grupo de educação física

O grupo de educação física é composto por 7 professores, 5 do sexo masculino e duas do sexo feminino. É um grupo muito unido e onde todas as decisões são tomadas em conformidade. Sempre que eu necessitei de alguma orientação ou de troca de espaços, todos os professores se mostraram disponíveis para me auxiliar, o espírito de cooperação e entreajuda está muito patente dentro do 'nosso' grupo.

A minha relação com todo o grupo foi bastante favorável, não houve quaisquer desentendimentos entre nós e sempre que foi necessário eu ia auxiliar no que fosse solicitado. Participei em diversas actividades dinamizada pelo mesmo, fora e dentro da escola, cooperando com todos os professores. Irei ainda participar no cicloturismo da escola, dinamizado pelo grupo de educação física.

2.2.3.Núcleo de estágio

Em todos os grupos de trabalho é fundamental a existência de cooperação, compreensão e colaboração, no meu núcleo de estágio existia tudo isto.

Todos os elementos estavam empenhados nas diversas planificações e presentes de forma activa em todas as respectivas actividades. Quando existiam decisões a

tomar, todos nós ouvíamos atentamente todos os colegas para posteriormente encontrarmos uma resolução.

As reuniões semanais foram realizadas na presença de todos os estagiários e do professor orientador da escola, aí eram debatidas algumas ideias previamente formuladas com o núcleo de estágio e outros assuntos. Existia ainda espaço para cada estagiário de forma individual esclareceu algumas dúvidas que poderiam ser também ligadas ao restante do núcleo. Assim, existia grande cumplicidade entre nós e sempre disponibilidade para ajudar em qualquer situação.

As observações das aulas dos colegas foi também um aspecto bastante positivo, 'os professores aprendem a ensinar, pela observação de aulas '(Lortie,1975 citado por Piéron, Para uma Ensenanza eficaz de las actividades Físico-desportivas, 1999) e com as respectivas reflexões permitiu a tomada de consciência de diversos aspectos importantes para o bom desenrolar de uma aula.

2.2.4.Professores Orientadores

O nosso núcleo de estágio foi o primeiro do professor Carlos Aveiro, apenas tinha vivenciado esta experiencia no seu próprio estágio pedagógico e correu bastante bem. O professor esteve sempre disponível e acessível a qualquer assunto relacionado com a nossa actividade de ensino-aprendizagem. Actuou de forma reflexiva em todas as nossas aulas e debitou bastantes feedbacks gerais e individuais para cada estagiário melhorar a sua prestação.

No meu caso, tive bastante dificuldade no início do ano em conseguir controlar a turma pois eram bastante indisciplinados, com a ajuda do professor consegui superar as minhas dificuldades e encontrar estratégias adequadas à minha realidade.

O professor Alain Massart foi também bastante acessível em todos os aspectos. Foi bastantes vezes à escola ver as nossas aulas e contribuir com as suas opiniões e correcções para melhorarmos as nossas prestações. Nas minhas aulas, sugeriu alguns exercícios de cooperação e formas de motivar os alunos, essenciais ao bom decorrer das aulas, assim como aspectos reflexivos a ter em conta.

Os dois orientadores influenciaram bastante o meu desempenho não apenas minha prestação de professora mas a vários níveis, tal como afirma Harbermas (1982) 'Os professores aprendem a ensinar pela interacção com os seus pares e com os seus orientadores, mas também como pessoa, na minha posição critica e de autoconfiança.'

2.2.5.A minha turma -9ºE

A turma onde leccionei foi o 9ºE do Agrupamento de Escolas da Guia. Durante o meu estágio, acompanhei também as turmas dos meus colegas estagiários, uma do 9ºano e outra de 12ºano.

A minha turma era constituída por 22 alunos, 10 do sexo feminino e 12 do sexo masculino. Os alunos desta turma apresentavam dois grandes grupos distintos de nível de desempenho. Os rapazes, com excepção de um, praticam desporto e apenas três raparigas o faziam. Esse mesmo núcleo de rapazes, participa no desporto escolar de futsal, tendo todos um bom nível de desempenho.

Após a realização da avaliação diagnóstica percebi que a maioria das matérias tinham que ser leccionadas por níveis, recorri a uma pedagogia diferenciada, como afirma Siedentop (1998), 'a pedagogia define-se como uma organização ajustada de um contexto para permitir aos seus participantes realizar as aprendizagens desejadas', pois 'nem todos os alunos beneficiam de igual forma de uma determinada actividade ou de uma intervenção pedagógica idêntica' (Griffey,1983 citado por Piéron, Para uma Ensenanza eficaz de las actividades Físico-desportivas, 1999).

Durante as aulas não podia mostrar grande proximidade com os alunos pois a turma era um pouco indisciplinada, assunto que foi tratado em todas as reuniões de conselho de turma, mas sem resolução encontrada. Eu recorri a algumas estratégias para ultrapassar esse problema, nomeadamente no planeamento de aula, reformulando a organização e gestão da mesma.

No entanto, mantive uma boa relação com todos os alunos da turma fora do espaço de aula. Eles começaram a perceber essa diferença e a melhorar o seu comportamento.

2.2.6. Participação nas actividades escolares

A escola onde efectuei o meu estágio, como já referia anteriormente, realiza diversas actividades ligadas à educação física, nas quais eu pude estar presente. O corta-mato escolar, o compal-air, o sarau escolar, o torneio de badminton foram algumas das actividades realizados na escola, enquanto que o mega-sprint, o mega-salto e o corta mato distrital tiveram lugar em Pombal, sede de concelho.

Particpei também no desporto escolar de voleibol, pratiquei esta modalidade vários anos, e consegui transmitir um pouco do meu conhecimento às alunas. A minha envolvimento nestas actividades permitiu um maior enriquecimento do meu currículo pois alargou os meus conhecimentos para outras vertentes da educação física.

No âmbito da disciplina de mural, o grupo de estágio dinamizou uma tarde de convívio com um grupo de idosos. Levamos os alunos até ao lar, onde realizamos várias actividades com o objectivo de promover a interacção entre as duas gerações. Foi uma experiencia bastante gratificante, tanto os alunos como os idosos aderiram imenso às nossas tarefas, o que foi muito gratificante.

2.3.Descrição das actividades desenvolvidas

2.3.1. Planeamento

‘Processo psicológico fundamental em que uma pessoa visualiza o futuro, realiza um inventário de meios e fins, e constrói um marco para guiar a sua acção futura’

Clark, citado por Piéron em ‘Para um Ensenanza eficaz de las actividades físico-deportivas’, (1999)

O grupo de educação física realizou no final do ano anterior um projecto curricular, ‘conjunto de decisões articuladas, partilhadas pela equipa docente de uma determinada escola, de forma a dotar de maior coerência a sua actuação, concretizando o currículo nacional em propostas globais de intervenção didáctica,

adequadas a um contexto específico' como refere Del carmen & zaba (1989), onde apresenta o planeamento anual de ciclos para ano lectivo actual.

Este planeamento teve por base as necessidades/dificuldades dos alunos no ano lectivo 2010/2011, os recursos existentes e o programa nacional de educação física, dando sempre prioridade às matérias nucleares. Foi realizado um mapa de rotação de espaços, onde constava o espaço pertencente a cada turma durante um período de tempo. No entanto, nas primeiras semanas de aulas, a organização foi diferenciada visto que os professores realizaram uma avaliação diagnostica dos seus alunos e necessitavam de rodar de espaço frequentemente, existindo assim entendimento e facilitação de todos os professores.

Em função desta avaliação diagnóstica, do mapa de rotação de espaços e das modalidades previamente seleccionadas, cada professor realizou o seu planeamento anual de turma.

No planeamento anual de ciclos realizado pelo grupo de educação física constava ainda uma serie de objectivos baseados no programa nacional de educação física para cada ano lectivo, passíveis de serem alterados em função do nível dos alunos de cada turma.

2.3.1.1.Planeamento anual de actividades

No planeamento anual, descrevi todas as actividades não só dinamizadas pelo grupo de educação física mas também algumas onde o nosso grupo estava presente.

2.3.1.2.Planeamento anual de turma

No plano anual que segundo Bento (2003) “é um plano de perspectiva global que procura situar e concretizar o programa de ensino no local e nas pessoas envolvidas”, procurei precisamente contextualizar todas as decisões tomadas pelo grupo de educação física e por mim de forma a orientar a minha acção.

Comecei por caracterizar a escola, a turma em questão e os recursos necessários ao bom desempenho da disciplina. Referi também os objectivos, que

segundo Mager, citado por Paulo Nobre, ' Documentos de Apoio à unidade curricular de Desenvolvimento Curricular (2010), 'devem descrever o que se deseja ver adquirido pelo aluno: comportamento observável que deverá permitir ao professor avaliar em que medida o objectivo foi alcançado' e os conteúdos relativos a cada matéria a ser abordada durante o ano. Calendarizei ainda todas unidades didácticas e descriminei todos os conteúdos a serem leccionados por aula. Terminei com as diferentes formas de avaliação possíveis de serem utilizadas e das estratégias a recorrer em todas as aulas.

Na realização da planificação anual tive em conta os resultados da avaliação inicial, a motivação dos alunos, a rotação dos espaços e a sua duração, altura do ano lectivo (condições prováveis de clima) e os recursos materiais.

| | Unidade Didáctica | N.º de aulas | Total |
|--------------------|---------------------------------------|-----------------|-----------------|
| 1.º Período | Apresentação | 1 | 37 Aulas |
| | Avaliação diagnóstica | 7 | |
| | Basquetebol | 8 | |
| | Ginástica de solo/Badminton | 9 | |
| | Futsal | 9 | |
| | Condição Física | 3 | |
| 2.º Período | Andebol | 9 | 30 Aulas |
| | Ginástica de solo/Badminton | 9 | |
| | Voleibol | 9 | |
| | Condição Física | 3 | |
| 3.º Período | Atletismo | 6 | 24 Aulas |
| | Ginástica Acrobática+badminton | 9 | |
| | Corfebol | 6 | |
| | Condição Física | 3 | |
| Total | 10 Unidades Didácticas | 91 Aulas | 91 Aulas |

Em relação à duração do tempo nos espaços não existem grande diferença, apenas uma rotação no exterior de apenas 4 aulas, onde abordei o atletismo (estafetas e barreiras), visto que é uma modalidade de carácter individual e possível de ser leccionada em 4 aulas. Nas restantes rotações neste espaço, iniciei com basquetebol visto que me falava a avaliação inicial de basquetebol e assim dei seguimento.

A ginástica de solo e badminton foram abordadas em duas rotações por várias razões, a motivação dos alunos, uma vez que a ginástica é a modalidade que os alunos menos gostam, a inexistência de muito material de ginástica e como a turma possui 22 alunos o material existente era escasso.

Outro aspecto foi a passagem pelo pavilhão nas duas primeiras rotações, ambas possuem 8 aulas. Optei por iniciar com o futsal, é uma modalidade onde os alunos têm níveis bastante e onde criei grupos de trabalho distintos. O voleibol foi dado no segundo período, onde as condições climatéricas já eram mais amenas e os alunos não tiveram tantas dificuldades em contactar com os membros superiores que por vezes causam ferimentos com o frio, que embora ligeiros, podem causar a desmotivação dos alunos e consecutiva falta de empenho. A colocação do corfebol com o salto em altura, teve em conta o facto de ser a ultima rotação e os alunos já terem passado pelo basquetebol e já estarem mais a vontade. Ponderei ainda o facto de não existir tanta heterogeneidade nos grupos, pois no voleibol, andebol e no futsal existia dois grupos claramente distintos. As restantes matérias foram encaixadas nos espaços livres.

Houve algumas alterações ao longo do ano lectivo devido a visitas de estudo, testes intermédios e falta de material. A principal modificação prendeu-se com a abordagem da ginástica de aparelhos pois durante o ano os aparelhos sofreram algumas danificações e não estavam em condições de serem utilizados.

2.3.1.3.Unidades didácticas

As unidades didácticas foram realizadas em função de um diagnóstico previamente estipulado pelo professor da disciplina, onde identifica os níveis em que

se enquadram os alunos. Contêm, uma breve história da modalidade e aspectos relevantes da mesma, como regras, características, aspectos técnicos e táticos e respectivas progressões relacionados com o nível dos alunos. Em aspectos mais objectivos e relacionados com os alunos em questão, apresentam um breve relatório da avaliação inicial dos alunos bem com planeamento das aulas e a sua extensão de conteúdos. Engloba ainda os recursos da escola e um conjunto de jogos lúdicos relacionados com a modalidade.

Como existiam duas turmas do 9ºano e após entendimento com o orientador, a parte inicial de algumas unidades didácticas são semelhantes, nomeadamente a história da modalidade e as componentes técnicas e táticas de algumas matérias.

A primeira unidade didáctica planificada, basquetebol, apresentou algumas lacunas, principalmente na selecção dos objectivos. Após terminar esta matéria, reflecti individualmente e posteriormente com o orientador e percebi que deveria ter adequado os objectivos a cada grupo de alunos. Existiam claramente dois grandes níveis distintos no seio da turma.

Desta forma, em todas as unidades didácticas, à excepção do badminton, de algumas disciplinas do atletismo e da ginástica, delineei os objectivos de forma diferenciada. Esta opção teve consequências imediatas nas estratégias utilizadas, principalmente ao nível da organização e gestão da aula.

Em algumas matérias os objectivos ao longo das unidades didácticas sofreram alterações devido não só ao desempenho dos alunos mas também às condições climatéricas existentes.

2.3.1.4.Plano de aula

O plano de aula foi estruturado pelos estagiários e com aprovação do professor orientador da escola.

Pretendemos realizar um plano simples e de fácil compreensão. Colocámos um cabeçalho que abordasse as informações necessárias ao entendimento do mesmo. Posteriormente dividem o mesmo em 3 partes: inicial, fundamental e final e

em 5 colunas tempo (real/parcial),objectivos/tarefa, estratégia de organização, componentes críticas e estilos de ensino. Na parte da estratégia de organização, recorri várias vezes às esquematização e à utilização de figuras para facilitar a compreensão e visualização do exercício.

Desta forma, qualquer professor que pegasse no plano, facilmente consegue perceber o objectivo a mesma, os seus conteúdos e os exercícios a abordar.

2.3.2.Realização

2.3.2.1.Intervenção pedagógica

Durante as primeiras aulas, a minha acção não estava de acordo com o meu planeamento e as minhas expectativas. As maiores dificuldades prendiam-se como o controlo da aula. Desta forma, tive que recorrer a estratégias que me permitissem concretizar o meu planeamento de forma eficaz.

As instruções iniciais de aula tal como os momentos de transição dos exercícios foram sempre momentos reduzidos e os quais eu tentei ter sempre em atenção. Como afirma Piéron (1999), 'se subtrairmos do tempo útil os momentos utilizados para apresentar as actividades e a transição do material, obtemos o tempo disponível para a prática' e o objectivo é precisamente aumentar o tempo de empenhamento, ou seja de prática. 'O tempo passado em actividade motora com um alto nível de êxito representa um factor de progresso' refere (Phillips y Carlisle,1983; Silverman, 1990 citado por Piéron em 'Para uma Ensenanza eficaz de las actividades Físico-desportivas', 1999) e de evolução dos alunos, sendo este um dos objectivos dos professores, o progresso dos alunos.

Os feedbacks segundo Piéron (1999), ' são um elemento determinante de uma relação pedagógica e uma das preocupações dos professores, quando se centram na aquisição de habilidades pedagógicas', é através deles que 'os alunos recebem a informação sobre o caracter correcto ou incorrecto da sua resposta'. Esta competência veio a evoluir com o tempo, sendo uma das últimas etapas por mim

alcançadas. Nas matérias onde estava mais a vontade e foram mais exercitadas por mim, a frequência e o conteúdo dos feedbacks era elevado, como relata Cloes y col.(1988) citado por Piéron em ‘Para uma Ensenanza eficaz de las actividades Físico-desportivas’, 1999), ‘ a adequação das reacções à prestação depende em grande medida da experiencia específica dos professores na matéria de ensino’.

Ao longo do estágio procurei melhorar o aspecto das instruções, quer a nível da sua quantidade, qualidade e durabilidade. Como afirma Piéron (1996), a redução dos períodos de apresentação das actividades caracterizados pela inactividade dos alunos e a sua sobrecarga de informação o aumento da frequência de feedbacks, intervenções aprovativas e personalizadas de acordo com nível de prestação, são comportamentos específicos do professor que melhoram a relação do ensino’.

A gestão de aula sofreu também algumas alterações nomeadamente às formas de organização das tarefas e às rotinas criadas. Estas alterações, tiveram grandes repercussões ao nível do clima de aula, que inicialmente era de difícil controlo apresentando alguns comportamento de desvio, tornando-o mais adequado e sereno. Como afirma Piéron (1999), uma atitude positiva só se desenvolve na actividade física se forem praticadas com êxito e se esta prática for realizada de forma agradável, num clima de apoio e de ânimo por parte do professor’.

2.3.2.2.Avaliação

A avaliação é um parâmetro integrante no projecto educativo de cada escola, baseado no programa nacional de Educação Física, adaptado a cada realidade. Por sua vez, os critérios de avaliação são ainda reajustados pelo departamento de Educação Física, em função do nível dos alunos, averiguado na avaliação diagnostica.

Como a avaliação faz parte do currículo da escola, é necessário esta, estar inserida no planeamento anual da disciplina. Neste, constam os diferentes momentos de avaliação associados aos diversos tipos e funções da mesma. Para um ensino mais eficaz para além da planificação dos momentos de avaliação é essencial existir uma planificação de cada aula. Esta deve conter a diferenciação resultante dos níveis

estipulados na avaliação diagnóstica e as estratégias a utilizar de modo a aumentar a motivação e o sucesso dos alunos.

A avaliação é segundo Pinto (2004) citando Mateo antes de mais uma forma específica de abordar, de conhecer e de se relacionar com uma dada realidade, que no nosso caso é a educativa. Trata-se de uma praxis que, para cumprir os seus objectivos, necessita de activar tanto, recursos naturais, como sociais e políticos dos contextos em que intervêm.

Segundo Allal (1989) a avaliação é dividida em três funções: diagnóstica, sumativa e formativa. A primeira é realizada no início de um ciclo de formação e é útil para a admissão dos alunos e orientação do professor. A segunda ocorre no fim de um período de formação e serve para certificação intermediária ou final. Ambas as funções citadas asseguram que as características dos alunos correspondam às exigências do sistema. E por fim a avaliação formativa que se realiza durante todo o período de formação e sua utilização se faz presente na adaptação das actividades de ensino para a aprendizagem. Esta por sua vez assegura que os meios de formação correspondam às características dos alunos.

Para Ribeiro (1999) a avaliação diagnóstica tem como principal objectivo averiguar as novas aprendizagens dos alunos assim como verificar o que já é de seu conhecimento, com a finalidade de seleccionar e orientar programas futuros de aprendizagens bem como resolver situações presentes. Esta avaliação é fundamentalmente realizada no início de novos conteúdos e tais conteúdos constituem de pré-requisitos de novos comportamentos a adquirir. Também tem como função agrupar os alunos, de acordo com a performance demonstrada nas provas e por fim, identifica durante o processo de uma unidade, motivos de insucesso de alguns alunos.

Com esta avaliação ficamos a conhecer o nível dos alunos e com que objectivos deveremos trabalhar.

A avaliação diagnóstica decorreu durante as 3 primeiras semanas. Tem por base as matérias que serão leccionadas em cada ano lectivo, previamente seleccionadas pelo grupo de educação física. Os parâmetros a avaliar em cada

matéria são baseados no programa nacional de educação física e nos objectivos para cada ano, também seleccionados pelo grupo.

Esta forma de avaliação serviu para realizar este planeamento anual em congruência com o plano de rotação dos espaços. A distribuição das matérias com maior grau de dificuldade foi colocada nos espaços com maior número de aulas.

A Avaliação formativa segundo Allal (1989) citando Bloom refere-se à regulação de processos de ensino utilizados pelo professor para adaptar a sua acção pedagógica em função dos processos e dos problemas de aprendizagem observados nos alunos. Segundo o mesmo, a avaliação formativa é uma componente essencial na realização de estratégias de pedagogia da mestria ou para a individualização do ensino. A confirmar este conceito, Ribeiro (1999) afirma que esta avaliação pretende determinar a posição do aluno no decorrer de uma unidade de ensino, com a intenção de apontar dificuldades e lhe dar soluções. O teste formativo, de maneira geral, refere-se a critérios elaborados pelo docente, pois só ele pode indicar momentos oportunos para esse tipo de avaliação.

Em todas as aulas foi realizada uma avaliação formativa. Em certas aulas, como nas de ginástica, os alunos registam a sua progressão em tabelas disponibilizadas por mim. Nas restantes, o registo foi efectuado por mim para posteriormente ser integrado no programa de avaliação.

A avaliação formativa permitiu ainda valorizar o empenho dos alunos durante as aulas e não apenas na apresentação do conteúdo final, privilegiando os alunos que se esforçam ao longo de toda a unidade didáctica.

Ribeiro (1999) descreve a avaliação sumativa como o progresso do aluno que pretende aferir-se no final de uma unidade de aprendizagem, no sentido de medir resultados já recolhidos por avaliações do tipo formativo e obter indicadores que permitam aperfeiçoar o processo de ensino. Segundo Pinto (2004) a avaliação surge como meio de verificação e controle da aprendizagem, assim, pode-se dizer que esta avaliação tem como principal função a certificação, pois tem como objectivo o reconhecimento de aprendizagens ou validação de competências, perante a sociedade, realizadas no final de um ciclo de estudo.

A avaliação sumativa foi realizada no fim de cada rotação de espaço, quando as matérias foram leccionadas duas ou mais vezes, em todas as rotações foi realizada uma avaliação sumativa, prevalecendo a melhor.

Os alunos que não faltam a mais de 50% das aulas praticas ou apresentam atestado médico e não realizam pelo menos os 50% das mesmas, elaboraram um trabalho escrito sobre a/as matéria/as em questão. Nesta turma, tive alguns alunos a recorrerem a este método devido a doenças com apresentação de atestados médicos, a cotação dos mesmos foi feita através da atribuição do mesmo número de parâmetros apresentados aos alunos que realizavam avaliação pratica. Em todos os trabalhos pedi para relacionar com as aulas praticas o que fazia com que os alunos estivessem sempre atentos, mesmo não participando directamente nas tarefas. Só no caso de arbitragem ou na organização das tarefas.

A avaliação final resulta de uma fórmula previamente estipulada no programa de avaliação fornecido pelo grupo de educação física. Neste, apenas colocamos os valores de 0 a 5 das avaliações psicomotoras e atitudes e valores quanto ao domínio cognitivo é feita uma conversão da escala de 0 a 100 para 0 a 20. O programa faz a respectiva correspondência e calcula a nota final também em função das matérias abordadas anteriormente.

2.3.2.3.Componente ética-profissional

A ética profissional segundo Maurice Tardif citado por Piéron em ‘ Para uma Ensenanza eficaz de las actividades Físico-desportivas’ (1999) ‘é discurso que é exterior à prática e que domina a acção: ela reside no próprio cerne do discernimento profissional a ser exercido na prática quotidiana e constitui essa prática.’

Eu como pessoa, tive sempre presente os direitos de cada Ser Humano mas também os seus deveres. Um dos aspectos mais relevantes para mim é o respeito, durante todo o estágio respeitei toda a comunidade escolar - os alunos, pessoal docente e não-docente e encarregados de educação.

A assiduidade e pontualidade foram também características presentes nas minhas acções assim como a disponibilidade para a escola, grupo de educação física e para

os alunos. Participei na maioria das actividades escolares, reuniões e acções de formação organizadas pela escola. Estive também sempre pronta a ajudar os alunos em diversos problemas, mesmo pessoais.

Como a turma apresentava um comportamento pouco favorável à prática do ensino, reuni-me várias vezes com a directora de turma e alguns professores para tentar colmatar esta situação. No entanto, através de estratégias encontradas por mim e após ter conversado com uns alunos, o clima foi-se tornando benéfico.

No início do ano lectivo tomei o compromisso de assegurar a leccionação do 9ºE de forma autêntica e de intervir em todos os aspectos que fosse necessário ao seu desempenho. Para isso planeei, realizei e reflecti varias vezes acerca da minha prestação e tomei várias decisões preponderantes nas práticas futuras.

2.3.2.4. Justificação das acções tomadas

Toda a minha acção durante o estágio teve por base o êxito pedagógico que segundo Piéron (1999) 'implica que o professor aumente as ocasiões de prática proporcionadas ao aluno, lhe dê mais informações sobre a sua prestação e tudo isto num ambiente rodeado de ânimo e aprovação'.

O planeamento anual por mim realizado foi devidamente discutido e justificado junto do orientador. Teve por base o programa nacional de educação física, a avaliação diagnostica que me permitiu verificar o nível dos alunos nas matérias principais, o quadro de rotação de espaços, as condições climatéricas nomeadamente na distribuição de futsal e voleibol devido ao contacto directo com o antebraço e às preferências dos alunos, tentando agrupar por vezes matérias do agrado dos alunos com matérias onde não se sentiam tão motivados. Este último caso, aconteceu na ginástica de solo onde agrupei o badminton e no atletismo que coloquei uma modalidade colectiva, basquetebol.

A avaliação foi o parâmetro mais complicado nas primeiras unidades didácticas visto ser bastante subjectiva pois 'o nosso instrumento de avaliação por excelência é a observação e duas pessoas a olhar, olham, inevitavelmente de forma

diferente' (L.Carvalho,1994). No entanto, 'assumir a subjectividade não significa renunciar à objectividade e rigor da avaliação. Não equivale a deixar de preparar e planificar cuidadosamente a avaliação' relata Lídia Carvalho (1994).

Para minimizar a subjectividade, realizei a avaliação inicial de forma a garantir a adequação dos conteúdos aos alunos.

Recorri também à avaliação formativa, 'processo utilizado pelo professor para adaptar a sua acção pedagógica em função dos progressos e dos problemas de aprendizagem observados nos alunos' (Bloom e colaboradores 1971 citado por Paulo Nobre, 'Documentos de apoio à unidade didáctica de Avaliação Pedagógica em Educação Física', 2011). As reflexões das aulas constituíam o principal registo por mim efectuado e permitia que adequa-se a aula seguinte aos problemas encontrados, recorrendo a estratégias e tarefas diferenciadas. Em algumas matérias, como ginástica de solo e ginástica acrobática, construí grelhas de progressão com os objectivos e os dias de aulas para perceber o nível de desempenho dos alunos e para eles próprios se sentirem avaliados. Na ginástica acrobática foi essencial, não só para perceber a evolução psicomotora dos alunos mas também a fase onde estavam, de selecção da música, da coreografia entre outras. Permitindo assim, uma intervenção mais rápida e precisa da minha parte.

Na avaliação sumativa, produzi tabelas de referencia e de observação dos parâmetros a avaliar e em todas as etapas, os alunos sabiam quais os aspectos que eu iria ter em conta. A avaliação sumativa de cada unidade didáctica era acompanhada não só do parâmetro psicomotor mas também do parâmetro cognitivo e socio-afectivo, sendo estes mais objectivos. Todos estes aspectos eram do conhecimento dos alunos, aquando da auto-avaliação, estes registavam as por mim transmitidas do nível psicomotor e ponderavam a sua nota.

Os relatórios das aulas e da primeira unidade didáctica, basquetebol, fizeram com que eu percebesse que a diferenciação pedagógica era essencial para permitir a motivação e sucesso de todos os alunos.

A alteração do plano anual, nomeadamente na supressão da unidade didáctica de ginástica de aparelhos, foi uma decisão tomada pelo núcleo de estágio em

conformidade com o orientador, visto não existirem condições materiais seguras à prática da mesma.

3.REFLEXÃO

‘O pensamento crítico ou reflexivo tem subjacente uma avaliação contínua de crenças, de princípios e de hipóteses face a um conjunto de dados e de possíveis interpretações desses dados.’

Isolina Oliveira e Lurdes Serrazina

3.1.Aprendizagens realizadas como estagiária

Todas o me estágio se revelou como uma aprendizagem constante tanto a nível da dimensão ensino-aprendizagem como a nível ético-profissional.

Quando iniciei o estágio uma das minhas preocupações era conseguir criar a distância professor-aluno necessária ao bom desenrolar das aulas. Como a turma era de 9ºano, com uma média de idades de 14/15 anos, não houve problemas a esse nível. No começo do ano lectivo conversei com os alunos acerca das linhas éticas que pretendia seguir com a minha função de professora. Com as novas tecnologias, todos os alunos queriam tanto o meu e-mail como pertencer à minha rede online, pois havia vários professores que o permitiam. No entanto, eu achei por bem não o conceder pois a minha função como estagiária era de ensinar, educar e ajudar os alunos no que fosse possível. Expos a minha decisão aos alunos e eles compreenderam perfeitamente a minha opção, deixando claro que estava sempre disponível para intervir ou colaborar em qualquer assunto relacionado com eles.

A reflexão foi uma aprendizagem/aperfeiçoamento essencial para o desenrolar de toda a minha acção durante o período de estágio. Toda a minha evolução e o meu desempenho tiveram por base uma reflexão intensa de vários parâmetros ligados ao estágio. Para conseguir atingir os meus objectivos dirigi a

minha acção no ‘sentido de contribuir para a flexibilidade emocional e cognitiva, para o pensamento criativo e divergente, para a tomada de decisão consciente e epistemologicamente fundamentada’ (Medeiros,2002).

Analisar o plano de aula dos meus colegas estagiários, assistir às suas aulas e posteriormente efectuar uma crítica acerca da mesma, fez com que eu evoluísse bastante. ‘Os professores aprendem a ensinar, pela observação de aulas’ (Lortie,1975) citado por Piéron em ‘ Para uma Ensenanza eficaz de las actividades Físico-desportivas’, 1999) e com as respectivas reflexões permitiu a tomada de consciência de diversos aspectos importantes para o bom desenrolar de uma aula. Para além de conseguir analisar a aula e ponderar os vários factores importantes ao desenrolar da mesma, serviu para eu evitar certos aspectos e apostar noutros mais adequados. Estive presente também em várias aulas do orientador e de outros professores de educação física, com a sua permissão. Possibilitou-me o aprofundamento do conhecimento acerca de outras formas de abordar as aulas, de leccionar a outros anos de escolaridade e de perceber os diferentes perfis do professor de educação física.

Em relação às minhas aulas, as reflexões finais foram cruciais para conseguir alcançar os meus objectivos. Era através delas que reajustava o meu planeamento e construía os planos de aulas, com o cuidado de reforçar os aspectos positivos e colmatar os negativos. A adequação dos objectivos por níveis resultou de uma reflexão sobre a primeira unidade didáctica, basquetebol, onde alguns alunos apresentaram dificuldades na sua evolução táctica, principalmente. Desde aí, optei por recorrer ao ensino não só por tarefa mas também por níveis. Foi necessário organizar todas as aulas por grupos em função dos objectivos, agrupar por níveis na parte fundamental e por comportamento na parte mais lúdica da aula ou no aquecimento. Esta forma de aula permitiu-me melhorar o desempenho dos alunos e criar um clima de aula propício à aprendizagem.

Foi também através da reflexão que agrupei algumas matérias por interesse e motivação dos alunos, por exemplo a ginástica de solo e o badminton, tornando as aulas mais desafiantes.

Em todas as unidades didácticas coloquei também exercícios/jogos de aquecimento relacionados com a matéria em questão com o objectivo de contextualizar os exercícios. Foi outro aspecto importante visto que alguns alunos conseguiram melhorar os seus movimentos desta forma, um dos exemplos foram os deslocamentos do badminton e do voleibol.

A necessidade de ajustamento das tarefas e das próprias aulas foi uma característica que consegui alcançar, não só em função das necessidades dos alunos mas também das condições climatéricas e /ou espaços livres. Quando os alunos não entendiam o exercício ou os objectivos não estavam a ser alcançados, alterava algumas situações ou se necessário parava mesmo com o exercício e iniciava outro. Em função das condições climatéricas fiz alguns ajustes de aulas de atletismo, basquetebol e andebol, uma vez que apenas tinha metade do pavilhão e não conseguia realizar todas as tarefas planeadas. Alterei também algumas aulas de ginástica de solo, badminton e acrobática quando o professor que estava no pavilhão faltava. Desta forma, despendia de um espaço maior e poderia aproveitar os materiais de ginástica de melhor forma e evitar que os alunos estivessem todos juntos, sendo a ginástica uma modalidade que exige bastante atenção e segurança.

Por último e com mais dificuldade a informação retroactiva, feedbacks. Nas modalidades onde eu estava mais a vontade como voleibol, futebol e andebol, dava bastantes feedbacks mas como a minha projecção de voz não era muito acentuada e nas modalidades colectivas existe sempre algum barulho, por vezes era necessário ir junto do aluno para me conseguir fazer ouvir. Com o decorrer do tempo e com a tentativa de várias estratégias melhorei neste campo, o estudo intensivo da matéria e os principais erros efectuados, a organização da aula e gestão dos exercícios foram aspectos fulcrais para o meu sucesso.

3.2.Compromisso com as aprendizagens dos alunos

‘ É através do aluno e dos seus comportamentos, atitudes, valores, mudanças e processos cognitivos que se compreendem melhor os resultados da acção dos professores’

Bennet (1978); Berliner (1979);Rosenshine (1980) citado por Siedentop em ‘Aprender a ensinar la Educacion Física’ (1998)

Cada professor como afirma Siedentop (1998), ‘tem como objectivo favorecer a aprendizagem e o desenvolvimento dos seus alunos’ recorrendo a uma organização estratégica do processo de ensino que segundo M^a Céu Roldão (2009) citado por Elsa Silva, ‘Documentos de apoio à unidade didáctica de Didáctica da Educação Física’ (2011), ‘tem como sentido fazer alguém aprender, sendo que não são as técnicas que constituem a estratégia, mas é a estratégia global planeada que as estrutura numa acção coerente e orientada para o sucesso, face à finalidade ou finalidades visadas naquela situação.’

Como referi anteriormente, a minha turma apresentava 22 alunos de níveis diferenciados. Após a avaliação diagnostica iniciei a unidade didáctica de basquetebol, onde apenas distingui algumas diferenças em certas tarefas. Como afirma Siedentop (1998), ‘ a maioria dos professores escolhem tarefas adequadas ao nível médio dos alunos e com estas condições os melhores tem menos dificuldades que os menos dotados para realizar de forma contínua a tarefa’, assim o professor dá mais atenção e promove a evolução dos alunos com mais dificuldades e os restantes estagnam. Ao reflectir sobre a mesma e percebi que era necessário não só adequar os objectivos mas também apostar mais ao ensino por tarefa de forma a separar os alunos por níveis. Esta opção ocorreu principalmente nos desportos colectivos onde o contacto era maior e os alunos com mais dificuldades não conseguiam alcançar o sucesso. Nos jogos lúdicos ou no aquecimento agrupei os alunos de forma justa tendo em conta o seu nível e o comportamento, estes jogo que segundo La Salle (Revista de Educação), ‘exigem a cooperação entre os alunos

e fazem com que os alunos percebam a necessidade de cooperar com os colegas independentemente do sexo e da habilidade’.

No andebol, voleibol, ginástica e no badminton (torneios) após reflexão com o orientador da escola e o supervisor, utilizei o ensino recíproco onde ‘os alunos agem em pares e tomam o seu controlo e desempenho, actuam principalmente sobre forma de feedbacks’ (Mosston, 1996 citado por Siedentop em ‘Aprender a ensinar la Educacion Física’, 1998). A aprendizagem por cooperação planeada de forma adequada segundo Siedentop (1998) ‘ produz habitualmente uma melhor proporção de boas respostas graças à evolução e aos feedbacks do aluno com maiores capacidades’. Em contrapartida, no futsal não recorri à junção de níveis porque os alunos de nível avançado apresentavam uma técnica e táctica muito superior aos restantes, provocando assim grande desmotivação dos mesmos.

Na adequação dos níveis nos desportos colectivos, no grupo mais avançado, optei por apresentar exercícios mais competitivos e relacionados com situações concretas de jogo (finalização), recorrendo diversas vezes a torneios. Com o grupo de nível inferior, planeei tarefas diversificadas de aperfeiçoamento da técnica tendo sempre pelo menos uma/duas situações de jogo ou tácticas por aula. Como afirma, Y.Suvorov e O.Grishin (1998) citado por Piéron em ‘Para uma Ensenanza eficaz de las actividades Físico-desportivas’(1999) ‘quanto maior diversificada for a preparação técnica, maiores possibilidades terão à sua disponibilidade’. A ginástica acrobática foi pela primeira vez leccionada nesta turma por mim. Optei por formar os trios após verificar que os alunos se iriam agrupar por amigos e não por estatura e desempenhos. Esta minha intervenção, permitiu que todos os alunos alcançassem o sucesso e estivessem empenhados durante todo o decorrer da unidade didáctica.

O uso de tabelas de registo na ginástica quer de solo quer acrobática orientaram os alunos nas suas prestações e na sua evolução e possibilitaram que eu actuasse sobre certos aspectos que não conseguia visualizar na aula, como a selecção das músicas, de todos os elementos de ligação entre outros.

A motivação ‘é comprovadamente uma condição básica do desempenho desportivo, independentemente do nível de desempenho em que o aluno se encontre afirma’, Vide Joch (1999), citado por Piéron, Para uma Ensenanza eficaz

de las actividades Físico-desportivas (1999). Em todo o meu planeamento tive em conta a motivação dos alunos, não só nas tarefas propostas mas também no agrupamento das matérias. Após a avaliação diagnóstica e de conversar com os alunos, constatei que a ginástica de solo era uma matéria que praticamente toda a turma não tinha muito interesse. Assim, agrupei a ginástica com o badminton pois percebi que os alunos gostavam e poderiam vivenciar mais facilmente o seu sucesso. Segundo Nicholls y Duda (1991) citado por Piéron, Para uma Enseñanza eficaz de las actividades Físico-desportivas (1999), ‘ nas situações escolares e desportistas, uma determinante essencial é a motivação que se tem no momento em que a pessoa, jovem ou adulta, tenta mostrar as suas competências’.

Na ginástica de solo a turma apresentava níveis bastante baixos de desempenho e após alguns diálogos com os alunos, percebi que em anos anteriores os professores não davam muita importância a esta matéria, podendo mesmo os alunos realizarem trabalhos escritos como forma de avaliação. Com esta situação, compreendi que não existia apenas desmotivação mas também receio por nunca terem aprofundado/experimentado a matéria. Para colmatar este aspecto, realizei várias vezes os exercícios com os alunos para que estes perdessem o medo e ganhassem motivação para alcançar o sucesso individualmente. No final da unidade didáctica fiquei muito satisfeita pois os alunos evoluíram bastante e os que não conseguiam realizar as tarefas com sucesso absoluto, tentavam e com a ajuda dos colegas faziam o exercício. ‘A motivação e a percepção de competências pessoais podem actuar como um papel fundamental na envolvimento dos alunos nas aulas de educação física’ (Siedentop, 1998).

O aspecto do clima de aula foi um grande desafio para mim pois a turma apresentava grande agitação e por vezes comportamentos inadequados. A organização e gestão de aula foram as estratégias que implementei e tiveram sucesso. Este assunto será abordado posteriormente, na parte 4 do trabalho, tema.

A quantidade de tempo efectivo de prática é essencial para a evolução dos alunos. Para maximizar este aspecto realizei sempre instruções/explicações claras e sucintas recorrendo à demonstração que segundo Fernando Bañuelos (1992) é ‘ realização do movimento que pretendemos ensinar, com o seu ritmo normal de exercitação e com todas as suas consequências’. A demonstração dos exercícios foi

na maioria das vezes efectuada por mim no entanto na ginástica de solo havia uma aluna com muito bom desempenho que servia de 'modelo' aos exercícios por mim propostos.

Os feedbacks são essenciais para o sucesso dos alunos, Bilodeau (1969) citado por Piéron em 'Para uma Ensenanza eficaz de las actividades Físico-desportivas' (1999) defende que 'uma prestação é melhorada quando há um feedback e deixa de melhor ou deturpa-se quando o feedback se suprime'. Ao longo do estágio tentei prestar muita atenção neste aspecto dos feedbacks pois nas matérias onde estava mais a vontade conseguia debitar imensos e nas restantes intervi mas com menos frequência. Aprofundei o meu conhecimento nas matérias que ia leccionar e consegui dar bastantes feedbacks adequados que segundo Siedentop (1998), resultam de 'um conhecimento por parte do professor das habilidades em questão para descobrir a presença ou ausência de critérios importantes no rendimento dos alunos'.

Todos os parâmetros presentes na avaliação eram do conhecimento dos alunos, realizei avaliação diagnostica para adequar os objectivos dos alunos no plano anual e organizar as matérias, recorri a avaliação formativa como forma de reajustar se necessário o meu planeamento ou apenas reforçar certos aspectos pouco adquiridos. A avaliação sumativa resultou da junção das componentes psicomotores, cognitiva e socio-afectiva, aos alunos com atestado médico a componente psicomotora foi preenchida através da realização de trabalhos escritos. Como forma de estudo para os testes escritos, realizei uma sebenta onde constavam todas as informações relevantes para uma boa prestação para além das questões relacionadas com as aulas.

3.3.Inovação nas práticas pedagógicas

Na minha realidade a inovação de práticas pedagógicas não foi muito acentuada. Não existia plataforma online para se necessário colocar informação relevante ao desenvolvimento da disciplina. Os materiais referentes à avaliação

cognitiva eram colocados na reprografia, onde poderiam ser fotocopiados pelos alunos, gratuitamente.

O facto de ter 22 alunos na minha turma, em certas matérias foi necessário apropriar os espaços de forma a ter toda a gente em actividade e diminuir ao máximo as filas. Por exemplo, para o voleibol o pavilhão dispunha de apenas um campo de 6x6. Utilizei um elástico que prendia de baliza a baliza e conseguia exercitar a modalidade com 5 campos de badminton, permitindo maior envolvimento de todos os alunos. O futsal funcionou de forma semelhante, dividi o campo existente em 3 campos reduzidos, permitindo assim diferenciar o ensino e ter sempre os alunos em tarefa. O badminton foi leccionado no ginásio agrupado à ginástica de solo, onde por vezes estavam 12 alunos apenas em 3 metades de campo. Algumas vezes, para criar motivação e competição nas aulas, os alunos jogaram 4 para 4 em metade do campo, estando um aluno apenas a jogar junto à rede e outro após a linha de serviço. Através desta organização, os alunos exercitaram não apenas a competitividade através da sua motivação mas também aspectos técnicos, visto que em função do seu posicionamento realizavam diferentes gestos técnicos.

A minha estratégia de organização e gestão de aula para criar um clima positivo da mesma, desenvolveu em mim outras competências. A montagem do material antes da aula foi um dos aspectos que interiorizarei e criei como rotina. Todo o material das estações, que não interferiam com a parte inicial da aula, era organizado no início da aula ou enquanto os alunos estavam a realizar a mobilização articular, de forma a diminuir o tempo de espera dos alunos. Como afirma Scheiff y col (1987) citado por Piéron em 'Para uma Enseñanza eficaz de las actividades Físico-desportivas' (1999), um professor 'deve preparar e colocar o material (ou uma parte deste) antes da aula' e 'prever que as mudanças de grandes materiais durante a aula seja o mínimo possíveis'.

E o ensino por tarefas permite que os professores organizem com antecipação o material particular para favorecer o domínio dos conteúdos por parte dos alunos, defende Siedentop (1998).

O agrupamento dos alunos foi outro aspecto que realizei muito nas minhas aulas, em função não só dos níveis mas também do comportamento. Sempre que possível, criava um grupo para diversas aulas de forma a perder menos tempo de organização e instrução e cada tarefa. Como relata Scheiff y col (1987) citado por Piéron em 'Para uma Enseñanza eficaz de las actividades Físico-desportivas'(1999) 'um professor deve criar equipas e grupos que permaneçam estáveis durante várias semanas de aulas'. Esta gestão ocorreu nas aulas de atletismo, nas equipas de futsal, nos grupos de ginástica, entre outros.

Por último, a utilização de música nas aulas de ginástica acrobática e a possibilidade de uso das novas tecnologias para apresentar a sua coreografia. O misturar diversas músicas, diversos batimentos entre outros.

3.4.Dificuldades sentidas e resolução das mesmas

Durante todo o período de estágio foram surgindo alguns 'obstáculos' para os quais pesquizei, reflecti e optimizei estratégias para resolução dos mesmos.

Logo na primeira reunião com o professor orientador tomei conhecimento da turma que iria acompanhar e o número de alunos da mesma. Este aspecto foi a minha primeira dificuldade encontrada, a forma como iria conseguir chegar de forma igual a todos os alunos. Aliado a este 'dilema' vinham as características da turma, o seu comportamento e a sua agitação e a minha dificuldade de projecção de voz.

A gestão e organização permitiu colmatar este assunto, como refere Bento (2003), 'a pobreza de conteúdo, super ou subexigências, má organização do trabalho do professor e dos alunos, deficiente atitude de comportamento e de relacionamento do professor, são factores que deixam enfraquecer muito rapidamente o interesse dos alunos.' O uso do ensino por tarefas onde 'toda a explicação é introduzida no início das tarefas para permitir uma individualização do ritmo e do conteúdo de exercitação' (Mosston, 1996 citado por Siedentop em 'Aprender a Enseñar la Educación Física,1998) e possibilitou a criação de pequenos grupos de alunos agrupados por níveis ou comportamentos. A existência destes grupos fez com que a forma de gerir a aula se modificasse. A explicação inicial era

sucinta focava apenas os aspectos essenciais da aula, muitas vezes demonstrava e explicava sucintamente a primeira tarefa de cada grupo/estação para quando existisse a rotação de estações ou mudança de exercícios nenhum grupo permanecesse parado. A demonstração foi utilizada muito por mim como forma de diminuir as instruções dos exercícios e otimizar ao máximo o tempo de aula.

Conseguí desta forma chegar a todos os alunos e permitir o seu sucesso como afirma Siedentop (1998), 'é importante afirmar que todas as estratégias devem ser julgadas em função do processo vivido pelos alunos e dos resultados obtidos pelos mesmos'.

Esta forma de ensino diminuiu as conversas paralelas, o contacto entre grande quantidade de alunos, individualizar o ensino e assim permitir maior 'resposta' da minha parte e criar um clima favorável ao desenrolar da aula. Este tema será aprofundado na parte 4, tema.

A motivação dos alunos em algumas matérias, como referido anteriormente, nomeadamente na ginástica de solo, foi um aspecto que tive que alcançar, como referido anteriormente. O facto de realizar aula em conjunto com os alunos, de os fazer vivenciar diferentes etapas de sucesso fez com que perdessem o medo e ganhassem vontade de querer fazer mais e bem.

Outro aspecto também abordado na temática do 'compromisso do professor' foi os feedbacks, a sua frequência, as suas formas, a sua pertinência e as suas consequências. Foi uma das consequências do ensino por tarefa pois com a diminuição dos alunos por grupos permitiu uma maior percepção do desempenho dos mesmos e assim uma melhor adequação das minhas 'respostas'. Outro aspecto foi o meu estudo intensivo de todas as matérias para garantir um conhecimento geral e não apenas das modalidades mais vivenciadas por mim.

3.5.Aspectos a resolver no futuro

Na minha carreira de docente, a voz é uma das minhas prioridades. A exercitação da projecção da minha voz vai permitir que eu consiga estar durante uma aula a debitar feedbacks de forma audível, sem não ser necessário ir junto dos alunos. Este aspecto reside fundamentalmente na abordagem dos desportos colectivos, em que quando se tratam de diversos grupos e eu estou do lado oposto é complicado que os alunos me ouçam a uma distância razoável. Outro aspecto ainda ligado à voz é o facto de quando elevo demasiado o tom, a minha voz sai distorcida e faz com que por vezes os alunos não consigam perceber a informação.

A criação de rotinas logo no início do ano será outro aspecto a implementar. O aquecimento foi um aspecto que criei logo de início mas poderia ter também criado formas de exercitar a condição física, sinais sonoros para se sentarem ou para pararem apenas as bolas. Acho que as rotinas são bastante importantes para não só aumentar o tempo concreto de exercitação motora mas também criar um clima positivo de aula.

3.6.Questões dilémicas

No meu estágio não houve grandes questões dilémicas ou mesmo alguma que colocasse em causa o desempenho dos alunos

As condições climatéricas são sempre uma questão que pode condicionar o planeamento tanto da aula como da unidade didáctica. A minha turma passou 3 vezes pelo espaço exterior sendo o ultimo apenas de 2 semanas e meia. Nesta rotação, as condições não foram favoráveis e tive que alterar uma aula de 90 min. Esta aula era fundamental para a exercitação/consolidação da corrida de barreiras, mais propriamente na transposição das barreiras. No interior apenas consegui exercitar algumas componentes da corrida de estafetas visto não existir barreiras no interior. Em função deste cenário, achei por bem alterar os objectivos propostos inicialmente.

As aulas de 45 minutos em certos casos são pouco aproveitadas e os alunos não adquirem grandes aprendizagens, foi o caso de certas aulas da minha colega de

estágio. Este acontecimento resultou do atraso que os alunos tinham nas suas aulas visto terem anteriormente aulas teóricas num bloco diferente. Este condicionamento não se verificou comigo, os meus alunos tinham intervalo antes da minha aula e estavam sempre presentes a horas, tirando algumas excepções de uma ou outra aluna. Por vezes, mesmo antes de tocar, os alunos já estavam no pavilhão equipados à minha espera. Este facto deixou-me também muito satisfeita, era bom saber que os alunos gostavam de usufruir ao máximo o tempo e que gostavam das minhas aulas.

Os testes teóricos também não foram consequência de alteração da minha planificação pois foram sempre marcados nas reuniões de conselho de turma no início do primeiro período e no final do mesmo e do segundo, aquando das reuniões de avaliação.

A realização da avaliação diagnóstica no começo do ano lectivo a todas as matérias ou no início de cada unidade didáctica é também uma questão a ponderar. No meu caso, o grupo de educação física estipulou a realização da mesma no início do ano lectivo com o objectivo de distribuir da melhor forma as matérias pelos espaços existentes, em função do roulement.

Na minha opinião, a avaliação diagnóstica é pertinente ser realizada no começo do ano lectivo visto que me permitiu efectuar um plano anual em função do nível dos alunos e da motivação dos mesmos. Como afirma Lídia Carvalho, L. (1994) 'após a avaliação inicial, o professor está em condições de desenhar o plano anual de cada turma'. No entanto percepcionei que com a abordagem de certas matérias, o desenvolvimento de outras melhorava. É o caso de basquetebol e corfebol, neste facto a avaliação formativa actua. 'Uma segunda etapa está relacionada com a avaliação formativa e o plano geral reformulado, se necessário, para que se constitua sempre como uma referência valida e um instrumento de trabalho! As opções tomadas em função dos resultados da avaliação inicial não devem ser 'definitivas', pelo que o professor pode e deve ajustá-las ao longo do processo de ensino-aprendizagem' como defende Carvalho, L. (1994).

3.7. Impacto do estagiário no contexto escolar

A minha função como professora estagiária foi aceite muito bem por toda a comunidade escolar. Foi a primeira vez que a escola acolheu no seu grupo de educação física um grupo de estagiários.

No primeiro dia, conhecemos os elementos da direcção, os quais se disponibilizaram para ajudar em tudo o que fosse necessário. Na primeira reunião geral de professores, o director da escola focou o facto de existir um núcleo de estágio no Agrupamento e desejou-nos as boas vindas. Foi uma acção para mim muito importante que nos integrou na escola e nos deu algum reconhecimento. Quando nós, grupo de estagiários, necessitávamos de algo relacionado com a direcção, havia sempre disponibilidade para nos receber. As autenticações dos cartazes dos projectos realizados, as autorizações relacionadas com os mesmos, foram alguns dos exemplos da flexibilidade da direcção.

De um modo geral, todos os professores independentemente de pertencerem ou não conselho de turma nos acolheram muito bem. No meu caso, consegui criar muitos conhecimentos e mesmo traçar grandes amizades. Em tudo o que era necessário eu predispus-me a ajudar, nomeadamente no sarau da escola.

O grupo de educação física desta escola é sem dúvida um grupo coeso onde todas as acções são devidamente discutidas e planeadas em conjunto. Senti-me como um elemento integrante do mesmo, sempre que eu precisava de alguma coisa, eles estavam prontos a ajudar e vice-versa. Participei em quase todas as actividades do grupo, desde corta-mato, desporto escolar, torneios de badminton, de basquetebol, mega salto e mega sprint, entre outros. Estive presente ainda em várias reuniões de grupo e de departamento.

Os encarregados de educação foram também importantes no meu estágio, desde a reunião de recepção aos alunos no início do ano lectivo, que conversei com muitos encarregados de educação e percebi que existia uma preocupação geral com os seus educandos. Todos eles concordavam com a ideia da turma 'barulhenta' e da implementação, se necessário, de medidas mais agressivas.

A minha relação com o pessoal não docente da escola foi também muito boa, desde o porteiro, às funcionárias da secretaria, do bar, da papelaria, dos blocos, etc. foi bastante favorável. As funcionárias do pavilhão, com quem tinha um relacionamento mais próximo e com quem contactava todos os dias, foram sempre bastante acessíveis e tratam-me da mesma forma que os outros professores.

Para além da participação em todas as actividades realizadas durante o estágio, o grupo de estágio dinamizou as actividades ligadas aos projectos e parcerias e ainda a ida ao lar com uma turma de alunos, promovendo a interacção entre os idosos e os alunos. Estive presente no sarau da escola e irei ainda participar no cicloturismo no último dia de aulas e na festa dos professores de encerramento do ano lectivo.

3.8.Experiencia formal e profissional (pratica pedagógica supervisionada)

‘Na formação Pedagógica, como no exercício da função de professor, a prática é bastante abundante. Todavia, ela tem lugar sem grande informação objectiva acerca da sua qualidade. Na prática pedagógica quotidiana, são raros os feedbacks objectivos que o professor recebe (...)’

Piéron (1996) citado por Siedentop em ‘Aprender a Enseñar la Educación Física’, 1998

Assim como os alunos necessitam de feedbacks sobre a sua prestação, nós, professores estagiários, também precisamos de uma opinião acerca da nossa acção.

A reflexão das minhas aulas, das minhas prestações foi um aspecto fulcral para a minha evolução durante todo o estágio. Nos primeiros meses, o orientador foi o principal guia destas reflexões. Despertou em mim aspectos que serviram de base ao meu desempenho, tendo sempre por base os alunos.

O uso de estratégias para ultrapassar aspectos menos bons da minha prática, a selecção das mesmas e a sua implementação resultaram de grandes momentos de troca de ideias e bibliografia entre mim e o orientador.

Um aspecto que penso ter sido uma opção muito positiva do nosso orientador foi o deixar que nós arriscássemos nas nossas decisões. O plano de aula sempre foi inteiramente realizados por nós e as decisões a ele subjacentes também, o resultado das nossas acções era posteriormente analisado em grupo ou apenas com o orientador. O errar é Humano e se conseguirmos aprender com os erros é uma grande conquista. A inovação, a experimentação de várias ideias e por vezes a necessidade de ajustes na própria aula foram etapas muito produtivas, essenciais à minha evolução.

‘ Quando os professores reflectem sobre as suas experiências, são capazes de atribuir o seu sucesso ou fracasso a factores externos a eles próprios, ou podem, igualmente, avaliar os factores pessoais que envolveram nas tarefas docentes, incluindo disponibilidade ou responsabilidade’ (Revista Portuguesa de Pedagogia – UC-2005, nº39).

4. TEMA

‘ Influência que a organização e gestão de aula têm no clima da mesma’

O domínio das habilidades de organização não deveria ser considerado com um fim de si mesmo. Estas técnicas representam ferramenta essenciais, pois o seu domínio permite variar as estratégias de intervenção e eleger as mais adequadas em função das circunstâncias. A ausência de habilidades de organização actua como uma barreira na concepção dos objectivos’

Jacob Kounin (1979), Discipline and group management in classrooms (1970) citado por Siedentop em ‘Aprender a Ensinar la Educacion Física’, 1998

Uma boa organização tem sempre subjacente uma planificação adequada em função das circunstâncias reais da prática. ‘ A eficácia dos professores está baseada num sistema de organização preventiva sólida’ afirma Siedentop (1998).

A planificação segundo Piéron (1999), ‘consiste sobre tudo em prever uma serie de actividades sem as relacionar fortemente com as necessidades dos alunos’,

esta ideia transmite a necessidade de organizar e gerir as tarefas de forma adequada. 'Uma boa organização oferece mais condições de aprender, pois os professores devem também proporcionar um bom ensino e ocasiões de prática para alcançar os objectivos' afirma Siedentop (1998).

A gestão de aula está directamente ligado ao tempo de empenhamento motor, 'durante o qual o aluno coloca em prática as actividades físicas e representa o resultado de toda uma serie de subtracções' (Piéron, 1999). Desta forma, tem como objectivo diminuir os tempos que transição de tarefas, de organização e de comportamentos de desvio

Todos estes aspectos terão uma repercussão no clima de aula e no desempenho dos alunos pois 'um objectivo da organização eficaz é criar um clima favorável à aprendizagem' (Siedentop, 1998).

Este tema está inteiramente ligado com a minha prestação de professora, onde o meu objectivo era motivar os alunos para a prática e assim possibilitar o seu sucesso.

Ao iniciar o ano lectivo percebi que a turma que iria acompanhar apesar de ter um bom desempenho motor, apresentava um comportamento menos próprios para uma aula, influenciando o clima da mesma. Primeiramente, recorri a um regime autoritário, como a minha voz não é muito audível e quando se tratava de um desporto colectivo com os 22 alunos era difícil fazer-me ouvir e assim eles me obedecerem. Reforcei o meu campo de visão de forma a conseguir visualizar todos os alunos, circulando sempre por fora das tarefas, evitando ficar de costas para os mesmos. Este foi um aspecto muito positivo, circulei sempre por fora das tarefas e com a preocupação de estar com o contacto visual dos alunos presente, eles sentiam-se mais controlados e empenhados.

A maioria dos professores do conselho de turma acompanhavam os alunos há alguns anos e mesmo assim não conseguiam alcançar o controlo da mesma apesar do nível de sucesso ser muito bom. A directora de turma solicitou propostas de resolução do mau comportamento dos mesmos e chegou-se ao consenso da marcação de faltas disciplinares.

Em função das conclusões da reunião e após algumas reflexões com o orientador, castiguei alguns alunos com corridas, flexões, saltos entre outros e cheguei mesmo a colocar um aluno na 'rua'. Contudo estas estratégias não foram bem sucedidas, pois os alunos não eram mal educados ou tinham comportamentos de grave indisciplina, eram sim faladores e distraíam-se facilmente com o material existente, perturbando a aula.

Ao reflectir, pesquisar e ponderar estratégias procurei encontrar uma forma de colocar os alunos em prática o maior tempo possível e se sempre com bom nível de motivação pois 'os alunos pouco motivados podem adoptar os comportamentos característicos dos alunos competentes mas com desvios' afirma Tousignant (1982) citado por Piéron, 'Para uma Enseñanza eficaz de las actividades Físico-desportivas', 1999.

Um clima positivo implica estratégias adequadas e centradas no aluno para maximizar os comportamentos apropriados dos alunos, estes segundo Siedentop (1998), 'não são apenas caracterizados pela ausência de comportamentos não apropriados, mas sim pela sua adequação aos objectivos da aula'.

Diversos autores propõe soluções para o problema da indisciplina, tanto Siendentop como Cloes y col (1998) citado por Piéron, 'Para uma Enseñanza eficaz de las actividades Físico-desportivas' (1999), defendem o facto da punição verbal ser a mais utilizada. Siedentop (1998) afirma que 'uma chamada de ordem é clara quando contem informação específica que diz ao aluno exactamente o que está mal' e não apenas um simples 'grito'. São ambos defensores dos castigos, no entanto com este procedimento 'o aluno perde uma quantidade de tempo fora da actividade de educação física' (Siedentop, 1998) e o meu objectivo é manter os alunos o maior tempo possível em pratica. Esta afirmação pode ser vantajosa no ponto de vista da correcção para os alunos que gostam da disciplina ou penosa para os alunos que preferem não realizar as aulas.

Ambas as opções vão despoletar a atenção de toda a turma e não apenas do aluno em questão interferindo na sua concentração na tarefa, diminuindo assim o tempo de empenhamento, 'o tempo de aula deve ser aproveitado de forma a que se

ofereça ao aluno uma possibilidade máxima de participação (...)’ (Fernando Bañuelos, 1992).

Num estudo realizado por Fernández Balboa (1991) Hardy (1996) citado por Piéron, ‘Para una Enseñanza eficaz de las actividades Físico-desportivas’, 1999, foram encontrados três motivos principais para explicar a existência dos comportamentos de conflito, o aborrecimento, a falta de interesse pela educação física e as características pessoais de agressividade e hiperactividade cada aluno. Tanto o aborrecimento como a falta de interesse estão ligados à motivação e como afirma Piéron (1999), ‘não só as características físicas distinguem os alunos e as suas condições mais apropriadas de aprendizagem mas sim as condições que estão ligadas com as várias características psicológicas e sobretudo motivacionais’. Os professores apenas podem interferir com os dois primeiros motivos através do uso de estratégias adequadas. ‘Quando um professor faz um juízo de valor acerca da sua eficácia (...) estas considerações incluem factores, tais como a capacidade dos alunos, a sua motivação, adequação das tarefas instrucionais, as questões administrativas subjacentes às acções do professor (...)’ (Revista Portuguesa de Pedagogia –UC-2005, nº39).

No caso da minha turma, optei por enveredar também de acordo com a motivação. Os meus alunos que apresentavam comportamentos menos próprios tinham bastante interesse pelas aulas e pelas tarefas desafiantes. Como duas funções essenciais do professor segundo Doyle (1986) citado por Piéron, ‘Para una Enseñanza eficaz de las actividades Físico-desportivas’, 1999, são a organização e controlo da turma e o desenvolvimento de tarefas cujo objectivo é a aprendizagem dos alunos, para conseguir alcançar tudo criei grupos de trabalho por níveis. Esta estratégia permitiu maior empenho e motivação dos mesmos visto que para ambos os grupos eram apresentadas tarefas desafiantes e onde poderiam obter sucesso.

Para leccionar de forma diferenciada, recorri ao estilo de ensino por tarefa, no qual, ‘toda a explicação é introduzida no início das tarefas para permitir uma individualização do ritmo e do conteúdo de exercitação’ (Mosston, 1996 citado por Siedentop em ‘Aprender a Enseñar la Educación Física’ (1998). No entanto, quando os exercícios apenas de aquecimento ou adequados aos dois níveis, agrupava os alunos em função não só do nível mas também de comportamento. Esta forma de

ensino permite não só a adequação dos níveis de ensino mas também o uso adequado a disponibilidade de recursos materiais, sendo designado também por ensino por estações (Rink, 1985). O estilo por tarefas pressupõe um anterior por comando, onde o professor sabe que os alunos já desempenham os padrões mínimos e que necessitam de exercitação. Aumenta a disponibilidade do professor para feedbacks mais individualizados ou apenas a emissão de palavras-chave (Siedentop, 1998).

Segundo Fernando Bañuelos (1992) existem vários factores que devemos ter em conta quando falamos de organização escolar. 'Maior possibilidade de assimilar na aprendizagem', a intensidade da tarefa e a possibilidade do aluno obter sucesso com a mesma; 'Máxima participação', permitir ao aluno o maior tempo de prática e motivação na mesma; 'Individualização do ensino', se necessário criar grupos de ensino para conseguir alcançar os objectivos propostos de cada aluno - sucesso; 'Desenvolver um bom clima afectivo e dinâmico geral de aula', promover a motivação dos alunos e promover a liberdade de decisão dos alunos.

Para a aplicação eficaz desta forma de organização, realizei um planeamento cuidadoso tendo em vista diversos pontos que poderiam interferir no bom funcionamento da aula. O tempo de transição de tarefas, o controlo de ambos os grupos, o cuidado de nunca deixar um grupo parado e encontrar formas de dar feedbacks a ambos a todos os alunos.

Para chegar a todos os pontos que apresentei anteriormente tive em conta vários aspectos. Primeiramente, intercalei tarefas com diferentes objectivos em cada grupo, técnicos e tácticos. Esta opção permitiu que os alunos estivessem sempre motivados uma vez que não realizavam apenas exercícios analíticos durante toda a aula e possibilitou ainda que enquanto um grupo realizava exercícios tácticos o outro abordasse a técnica e eu conseguia chegar a ambos os grupos em função dos objectivos de cada aula. Tive o cuidado de nunca deixar nenhum grupo à espera, iniciava com um exercício já conhecido ou com uma estação previamente montada num grupo de alunos e ia dinamizar o restante, certificava-me que o exercício estava a decorrer como eu pretendia e voltava ao primeiro grupo, e assim sucessivamente. Em todas as aulas tentei circular por fora das tarefas para permitir a visualização de todos os alunos e se necessário efectuar correcção à distância.

O tempo de cada tarefa e a gestão da mesma foram aspectos aos quais depus bastante atenção. As tarefas apresentadas não tinham uma duração superior a 12/15 minutos à excepção dos jogos propriamente ditos ou dos torneios. Esta característica foi bastante discutida nas nossas reuniões semanais, pois os alunos desmotivavam quando as tarefas eram muito longas, principalmente de nível analítico. O tempo de espera, filas, em cada exercício foi também devidamente pensado por mim. Quando era necessário para além da divisão dos alunos em 2 grupos, ainda dividia cada grupo em sub-grupos. O voleibol foi uma matéria onde aconteceu esta organização, dentro de cada grupo existia ainda algumas diferenças, as quais eu tive em conta nas formas de finalização de alguns exercícios. Assim, os alunos permaneciam menos tempo em espera e os objectivos eram mais adequados ao desempenho dos mesmos. Estes sub-grupos não foram apenas criados em situações de desempenho mas também apenas como forma de gestão e de manter os alunos sempre em tarefa e minimizar o tempo de espera.

Esta estratégia teve repercussões bastante positivas nas minhas aulas, principalmente nos desportos colectivos, permitindo o sucesso todos os alunos. Na ginástica de solo e no atletismo, os grupos foram criados em função do comportamento dos alunos, à excepção de algumas aulas de ginástica onde apresentei exercícios mais desafiantes para alguns alunos. Na ginástica acrobática a organização de aula foi semelhante incorporando o badminton nas aulas de 90 minutos, nesta matéria os grupos eram compostos por alunos com diferentes estaturas para além do comportamento para permitir alcançar o objectivo final, coreografia.

Segundo Smith (1983), Brophy Good (1986), Rosenshine y Stevens (1986) e Everson (1989) citado por Siedentop em 'Aprender a Ensinar la Education Física' (1998), a eficácia do ensino da educação física deve ter diversas características inerentes ao seu desempenho. 'Tempo, oportunidades para aprender os conteúdos abordados', aspecto onde tive muito atenção, aumentar o tempo real de tarefa e diminuir as transições e instruções; 'Expectativas e papéis do professor', tive sempre uma postura optimista e motivadora para os alunos, um exemplo foi a evolução dos mesmos na ginástica de solo; 'Organização da aula e empenho dos alunos', como referido anteriormente, recorri a diversas estratégias para promover uma boa gestão

e consequentemente um clima de aula favorável à prática; 'Tarefas apropriadas e índices elevados de êxito', utilizei o ensino por tarefas e o ensino diferenciado para permitir a evolução e o sucesso dos alunos; 'ritmo e continuidade', apresentei diversas tarefas em cada aula sem tempos de espera e com repercussões entre as mesmas; 'Ensino activo', foi o aspecto onde demorei mais tempo a evoluir mas em todas as aulas tentei dar o máximo de feedbacks, demonstrar algumas formas de alcançar o sucesso e se necessário realizar a tarefa com os alunos; 'Supervisão activa', circulei sempre por fora da tarefa de forma a controlar todos os alunos e sempre que possível fazia correcções ou reforçava alguns desempenhos; 'Sistema de evolução e responsabilidade', a avaliação formativa foi tida sempre em conta nas minhas aulas, na ginástica de solo e acrobática os alunos dispunham de uma folha para anotar as suas evoluções; 'Entusiasmo, clareza e afectividade', foram características que tive presente sempre em todas as minhas aulas, a motivação dos alunos e o estar sempre disponível para eles foi sempre a minha prioridade.

'Uma boa organização oferece mais condições de aprender, no entanto os professores devem também proporcionar boas formas de ensino e ocasiões de prática se querem alcançar os seus objectivos' Siedentop (1998).

4.CONCLUSÃO

O estágio foi mais a última etapa alcançada no meu percurso de vida académico e teve um papel fundamental na consolidação e todos os conhecimentos adquiridos durante a minha formação.

O compromisso que assumi de garantir a aprendizagem dos alunos, de produzir todos os documentos necessários ao desenrolar do estágio, à participação em todas as acções promovidas pelo núcleo de estágio e pelo grupo de educação física e de acompanhar a directora de turma e o professor do desporto escolar, criou em mim um espírito de empenhamento e de ambição bastante elevados.

O facto de ter uma turma com alguns problemas de comportamento e com 22 alunos foi um grande desafio alcançado e servirá de pilar para a minha carreira profissional. Assim como a atitude dos alunos em chegar mais cedo às aulas, em estarem empenhados nas tarefas e em quererem que fosse professora deles no próximo ano são aspectos muito gratificantes e uma recompensa do meu empenho durante todo o ano.

A motivação dos alunos foi durante todo o ano a minha grande preocupação visto ser um aspecto que influencia directamente o sucesso dos alunos.

Para proporcionar um bom clima de aula, directamente ligado à motivação e aprendizagens dos alunos, é fundamental o empenho do professor na planificação da mesma. Diversos pontos devem ser tidos em conta na organização e gestão de cada aula, o nível dos alunos e se necessário diferenciar o ensino e assim adequar as tarefas, a motivação dos mesmos e o tempo de empenhamento motor.

‘ Uma gestão pedagógica eficaz da sala de aula aumenta o envolvimento do aluno, diminui os comportamentos disruptivos e aumenta a utilização do tempo de ensino, resultando numa melhoria do rendimento escolar do aluno’ (Wang e al., 1993 citado por Piéron em ‘Para uma Enseñanza eficaz de las actividades Físico-desportivas’, 1999).

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFIA

- BAÑUELOS, F. (1992). Bases para una didáctica de la educación física y el deporte. Gymnos.Editorial. Madrid
- BENTO, J. O. (1998). *Planeamento e Avaliação em Educação Física*. Livros Horizonte. Lisboa
- CARVALHO, L. (1994) *Avaliação das aprendizagens em Educação Física*. Boletim SPEF nº11. Lisboa
- LOPES, J. Gestão da sala de aula- como prevenir e lidar com problemas de indisciplina. Série didáctica Ciências Sociais e Humanas. 4ªedição. Vila Real
- NOBRE, P. (2008) Documentos de Apoio da unidade curricular Avaliação Pedagógica em Educação Física. FCDEF. Coimbra
- NOBRE,P. (2010). Documentos/Power Point de apoio à unidade curricular de Desenvolvimento Curricular. FCDEF. Coimbra
- OLIVEIRA,I. SERRAZINA,L. A reflexão e o professor como investigador. Escola Superior de Educação de Lisboa
- PIÉRON, M. (1999). Para uma Ensenanza eficaz de las actividades Físico-desportivas. Inde. Barcelona
- Revista Portuguesa de Pedagogia- Faculdade de Psicologia de Ciências da Educação-UC (2005), nº39-3
- Revista da Educação (<http://revista.educ.fc.ul.pt/> - consulta efectuada no dia 25 de Maio de 2012)
- SIEDENTOP,D. (1998). Aprender a Ensinar la Educación Física. Inde. Barcelona

- SILVA, E. (2011). Documentos de Apoio à unidade didáctica de Didáctica da Educação Física. FCDEF.Coimbra
- Projecto Educativo 2011/2012 do Agrupamento de Escolas da Guia
- Trabalhos realizados na área da Avaliação Pedagógica do 1ºano do Mestrado em Ensino da Educação Física nos ensinos Básico e Secundário